



Arquitetura islâmica nas mesquitas e seus efeitos sobre os adeptos

Islâic (islamic) architecture in the mosques and effects on followers

Ceci Maria Costa Baptista Mariani*
Atilla Kus**

Resumo: O presente artigo analisa o desenvolvimento da arquitetura islâmica através das mesquitas, onde a religião é praticada institucionalmente. Através de referências bibliográficas, foram estudados a breve história de mesquitas, sua arquitetura e os itens nelas contidas. Consta-se que as mesquitas estão entre os espaços centrais das comunidades islâmicas no decorrer da história, onde estas se reúnem.

Palavras-chave: Islã. Mesquita. Arquitetura. Arte.

Abstract: The article analyses the development of Islâic (Islamic) architecture through mosques, where the religion is practiced institutionally. Through bibliographical references, the brief history of mosques, its architecture and the items in them contained were studied. It's noted that the mosques are among the central spaces on Islâic communities during the history, where they meet each other.

Keywords: Islam. Mosque. Architecture. Art.

Introdução

Os templos, ao longo da história, principalmente na era medieval, foram os centros mais importantes nos quais o ser humano se aproximava do sagrado e se comunicava com os demais integrantes de sua comunidade. Quase em todas religiões, hoje em dia, constata-se a institucionalização e identificação da religião com o templo. A religião islâmica também possui seus centros onde os fieis podem se encontrar e praticar seus preceitos. Tendo o seu principal papel como local de adoração ao sagrado, as mesquitas tiveram várias outras funções durante os 1400 anos do Islam.

No presente estudo, analisam-se as mesquitas em sua forma institucional como centros de prática de religião por toda a história do Islam. Porém, a análise não se especifica apenas no papel religioso, mas conta com a breve informação sobre a sua vigência em outros papéis sociais, como centro político, social e até educacional. Como um elemento da arquitetura islâmica, observa-se a mesquita como o meio da evolução da

* Doutora em Ciência da Religião (PUC-SP). Professora do PPG em Ciências da Religião e da Faculdade de Teologia da PUC-Campinas. Membro da SOTER, conselheira da Regional São Paulo. Coordenadora do Grupo de Trabalho “Espiritualidade e Mística”. Contato: cecibmariani@gmail.com.

** Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP). Secretário-geral do Centro Islâmico e de Diálogo Inter-religioso e Intercultural. Contato: ksatlla@gmail.com.

arte islâmica em certas esferas. Os significados e as mensagens contidas nessa arte são apresentados de maneira breve e sucinta. Além de artes inventadas e desenvolvidas por meio da mesquita, o estudo revela também a evolução da arquitetura *mesquital*, desde os materiais usados na construção até os elementos que foram incluídos na sua estrutura.

Breve histórico da arquitetura e seu desenvolvimento no Islam¹

A religião islâmica surge em meio a uma comunidade henoteísta que seguia uma tradição religiosa politeísta no século VII d.C. Ao tratar de henoteísmo e politeísmo ao mesmo tempo, queremos afirmar a realidade de eles terem ídolos que consideravam dignos de adoração, porém, consideravam a existência de um deus maior, Allah ou Alá em árabe, como o absoluto (Jomier, 1993, p. 11). Eles, portanto, adotaram a crença em Deus, que seria o mesmo que judeus e cristãos adoravam, através de Ismael, filho de Abraão, que, segundo a tradição islâmica, fora abandonado no Vale de Beca, ou *Bekka* em árabe, onde não havia água nem sequer meios de alimentação (Jomier, 1993, p. 28). Os mequenses² haviam enchido a Caba (ou Caaba)³ de estátuas e, segundo Jomier (1993, p. 16), entre estas estátuas havia também uma estátua de Maria e de Jesus (o mesmo relato é feito por Soylemez [2014]). Porém, ainda segundo Soylemez, tal prática não teria lógica, pois Jesus e Maria não tinham consideração, em termos de divindade, na tradição árabe pré-islâmica, senão por árabes convertidos ao Cristianismo, cujo número era bem pequeno. Pela razão de adoração a estátuas e imagens, o Islam proíbe drasticamente, no seu processo gênese, a produção artística de peças como imagens, estátuas e até poemas. Segundo Unal (2015, p. 806), a manifestação do Islam contra os poetas e a produção de poemas foi devida a acusações contra o profeta Muhammad. Pois, os mequenses o acusavam de ser um poeta e, conseqüentemente, acusavam o Alcorão de ser uma obra poética, e os poetas eram considerados como adivinhos ou associados aos gênios (Unal, 2015, p. 806). Além do mais, os poetas, por suas belas expressões e enaltecimento de suas tribos, iniciavam guerras e, em alguns casos, causavam anarquia dentro da comunidade árabe. Portanto, as proibições quanto à arte foram drásticas no sentido de produção das obras que remetesse à figura humana, que nesta época revelavam o fato de adoração a outras divindades além de Deus (Yildirim, 2015). As artes proibidas foram, em sua maioria, de pintura e escultura. Porém, mais tarde, com a ascensão do Islam na Península Árabe e no norte da Arábia, constata-se o aparecimento da arte islâmica adequada à doutrina e às diretrizes fundamentais da fé islâmica, isto é, centralizada na Unicidade de Deus (Yildirim, 2015). Inclusive, o contato com a cultura e literatura persa contribuiu com a evolução da arte e da literatura islâmicas.

Hoje em dia, é possível visualizar várias produções artísticas dos muçulmanos, inclusive na Idade Média, quando a ciência também evoluíra com os estudos de vários

1 Islam, Islá, Islão ou Islãismo: religião adotada pelos muçulmanos e surgida no século VII na Arábia, será mencionada como Islam devido à raiz linguística da palavra em árabe.

2 Nome atribuído ao povo que habitava Meca, a cidade onde o Islam surgiu (Jomier, 1993, p. 26).

3 Santuário onde os muçulmanos fazem peregrinação atualmente.

muçulmanos como Avicena, Farabi e Omar al-Khayyam. Tais produções são inventadas ou produzidas a partir do século VIII. Essa data coincide com o período em que os muçulmanos já haviam atingido a Península Ibérica no Ocidente, e a Transoxiana, *Mawara an-Nahr*, no Oriente. Portanto, havia acontecido certo envolvimento com as demais culturas ali existentes, inclusive a cultura persa. É importante notar que, se hoje há uma cultura denominada islâmica, é porque existe uma síntese de várias culturas envolvidas em torno de uma religião; adaptadas aos fundamentos desta religião ou adotadas diretamente. Segundo Ozdemir (2011), nenhuma cultura é homogênea e as culturas são estabelecidas em torno de certas medidas como crenças, valores comunitários e o clima, entre outros fatores. Portanto, a cultura islâmica praticada hoje em dia possui uma heterogeneidade, apesar de não tê-la tido em seu processo de origem.

A proibição da arte, nos primórdios do Islam, afetou também a produção arquitetônica. Na realidade, a homogeneidade sectária dos primeiros passos da religião fê-la ter uma arquitetura simples (Hayri, 1952). Aliás, devido à perseguição que os primeiros muçulmanos sofriam, não havia um espaço exclusivo para as orações, a não ser algumas determinadas casas, longe da cidade (Baltaci, 1985).

Institucionalmente, regra geral, a religião islâmica não possuía um templo no período de Meca, que é desde a primeira revelação até 622. Os primeiros 13 anos do Islam foram os anos de prática secreta e longe de mequenses, para não provocar perseguições. Mesmo assim, as perseguições contra estes não pararam e, depois de 13 anos em Meca, os muçulmanos emigram para Yathreb, que depois da emigração de Profeta Muhammad começou a ser chamado de Medina.

A partir dessa migração observa-se a construção de prédios específicos para as orações e reuniões comunitárias. Tais prédios foram chamados de *masjid*⁴ – em árabe, significa o lugar de prostração, reza e oração. A primeira mesquita, segundo os historiadores, é a Mesquita de Quba⁵, por onde o profeta Muhammad passara durante a sua viagem para Medina (Baltaci, 1985; Akin, 2016). Porém, Baltaci (1985) menciona o fato de que, antes da imigração para Medina, os muçulmanos já deviam ter lugares específicos, digamos pequenas mesquitas ou espaços de reunião, em Meca.

A Mesquita de Quba, inicialmente, é uma espécie de exemplo para a construção de outras mesquitas. Mas esse papel lhe é roubado pela mesquita que os muçulmanos construíram em Medina, a primeira mesquita da cidade, onde também residia o profeta junto com sua família. Havia também um espaço para os muçulmanos jovens que estudavam e queriam se aprofundar na religião, que se chamava de Suffa.

Portanto, como iremos observar posteriormente, aquela mesquita realmente foi exemplar para a construção das demais. Pois, inclusive no auge da religião islâmica, no aspecto dos estudos científicos, alheios à religião, e no aspecto jurídico da própria religião, *fiqh*⁶, observamos a formação de círculos de estudos dentro das mesquitas ou em prédios ao lado destas, cujo nome fora *madraça*. Mais tarde, tais centros e círculos de estudos se

4 Palavra que significa mesquita em árabe. No decorrer do texto, será utilizado o termo mesquita.

5 Uma aldeia próxima a Medina.

6 O estudo de jurisprudência islâmica.

transformam em universidades como a Universidade de al-Azhar, construída em 988 no Cairo. Porém, segundo Akin (2016), apesar da institucionalização desses estudos, os círculos de estudos dentro das mesquitas permaneceram e permanecem até hoje⁷.

As primeiras mesquitas, arquitetonicamente, não possuíam nenhuma especificidade. A própria mesquita de Medina, *Masjid an-Nabî*, fora construída de adobe – uma mistura de barro com plantas secas ao sol – e coberta de galhos de tamareiras (Baltaci, 1985; Akin, 2016). Essa mesquita foi o tipo ideal das demais mesquitas construídas em Medina ainda na época de Profeta Muhammad (Baltaci, 1985).

Ainda no mesmo período, foram construídas outras mesquitas por tribos que adotaram o Islam como religião. Pois era necessário que seus componentes se reunissem e rezassem ao menos as orações de sexta-feira, que contêm sermão e constituem a oração semanal que deve ser realizada coletivamente. Para as orações de sexta-feira, portanto, havia apenas uma mesquita para a realização. Pois, o próprio nome do dia, *Jumu'a*⁸, propõe a reunião dos fiéis e a oração conjunta (Conselho, 2011, p. 362). Por essa razão, a Mesquita de Medina – *Masjid an-Nabî* – era a mesquita onde se realizava a oração. Tal tradição foi seguida pelas gerações seguintes. Embora em uma cidade houvesse várias mesquitas, as orações semanais eram realizadas na maior mesquita local, que, no decorrer do tempo, foi denominada de diferentes modos como: a maior mesquita⁹, mesquita de sexta-feira¹⁰ ou grão-mesquita; estas duas últimas denominações vêm de tradições turco-islâmicas (Akin, 2016).

Como observamos anteriormente, durante os primeiros séculos do Islam, as mesquitas possuíam uma aparência igual à de um prédio comum da cidade. Aliás, segundo Akin (2016), estas teriam uma semelhança a um castelo por ter a missão de proteger os fiéis de todo tipo de risco, fosse ele material ou espiritual. Portanto, não havia nas mesquitas janelas para fora, uma dedicação artística, tampouco os elementos que hoje as mesquitas têm, como púlpito¹¹, mirabe¹² e cúpula. Tais elementos só aparecem nas mesquitas quando a religião islâmica se estende ao norte da Arábia, isto é, em razão do encontro com os persas e bizantinos, especificamente.

Segundo Akin (2016), na construção das primeiras mesquitas em Raqqa, Samarra e Bagdá, no século XVIII, usou-se mármore, tijolo, gesso e cal. Nessas construções, observa-se influência turco-persa. Mais tarde, constatamos a inclusão de novos elementos, como mirabe, cúpula e mimbar (púlpito). Nessa evolução, claro, está presente a influência das interpretações dos textos sagrados que abriam espaço para tal e, ainda, a influência dos estudos de juristas (Kurucan, 2011, p. 24).

Já mais tarde, vemos o destacamento da cúpula nas mesquitas construídas pelos impérios turco-islâmicos. O principal exemplo disto é a mesquita de Selimiyya, em Edirne, no

7 Um dos autores deste texto testemunhou um círculo de estudos durante uma viagem ao Egito, dentro da mesquita de al-Azhar, depois de uma oração.

8 Reunião, coletividade, sexta-feira.

9 Em árabe: *Al-jâmi' al-kabîr*.

10 Em árabe: *Masjid al-Jumma'*.

11 Mimbar: em árabe, espaço nas mesquitas a partir de onde o sermão é proferido.

12 O marco da direção de Caba na parte frontal das mesquitas, onde o imã/xequie preside as orações.

oeste da atual Turquia, que foi construída com uma cúpula maior que a cúpula de Hagia Sofia, outrora catedral ortodoxa e mais tarde transformada em mesquita pelos otomanos e hoje constituída museu, localizada no centro da antiga cidade de Constantinopla. A cúpula foi herdada dos templos bizantinos, que a continham em sua arquitetura.

A função das mesquitas na história islâmica

A mesquita sempre teve um papel centralizador na vida dos muçulmanos. A sua centralidade é física e metafísica. No que se refere à física, o que não mencionamos acima, as cidades foram sempre construídas em torno da maior mesquita da cidade, onde se realizavam as grandes reuniões comunitárias e, sobretudo, as orações de sexta-feira. Segundo Hak (1991), as ruas das cidades islâmicas medievais saíam para o centro da cidade, onde se encontram elementos como a mesquita, uma fonte de água, o forno público e um *hammâm*¹³. Isso, portanto, revela o fato de que a mesquita fisicamente sempre estava presente na vida de cada muçulmano, assim como hoje é na maioria dos países majoritariamente muçulmanos. Essa tese se baseia na quantidade das mesquitas que existem em cada bairro de uma cidade.

Sevinç (2013), numa análise histórica da República da Turquia, revela a quantidade de mesquitas construídas entre 1970-2000¹⁴. Ou seja, de qualquer forma, os governos ainda mantêm uma política de prestigiar as mesquitas para manter o domínio sobre a comunidade majoritária nos respectivos países. Posteriormente, iremos analisar o motivo e as razões históricas destas políticas.

A centralidade da mesquita na vida de cada crente, sem dúvida, ocorre principalmente por razões religiosas, assim como assinala Hayri (1952). Em uma reflexão mística, ali se constata a individualidade da religião. Gulen (2011, p. 72) afirma que as mesquitas, com todos os seus elementos, são os sinais da ideia de adoração e da atmosfera espiritual. Então, o número demasiado de mesquitas serve, ou servia, para lembrar aos crentes sobre a adoração, espiritualidade e vida comunitária.

A principal função espiritual das mesquitas é manter a vida comunitária e reunir os crentes em um local. Com a pregação das orações coletivas em mesquitas, os crentes são convocados a ir às mesquitas (Conselho, 2011, p. 339). Ainda para Gulen (2011, p. 105), as mesquitas compõem a base fundamental das sociedades islâmicas. É claro que Gulen, como um teólogo muçulmano, assinala isso de uma maneira místico-islâmica. Porém, como observamos anteriormente, esse fato se revelara fisicamente durante a história.

Outra função das mesquitas foi a de educação. Embora hoje haja poucos exemplos disso, ainda em alguns países majoritariamente muçulmanos há tradição de realizar estudos dentro das mesquitas. Essa funcionalidade da mesquita, assim como as outras que neste texto vamos submeter à análise, foi herdada da mesquita de Medina, que é o tipo ideal para as outras construídas posteriormente.

13 *Hammâm* ou *hamame* é uma sauna pública ou banheiro público.

14 Segundo o autor, foram construídas aproximadamente 45 mil mesquitas.

Regra geral, naquelas mesquitas foi estudada a vida islâmica, a religião e os princípios básicos da religião (jurisprudência, interpretação do Alcorão – *Tafsir* –, ditos de profeta Muhammad – *Hadice* – e, mais tarde, *Kalam*¹⁵) (Baltaci, 1985). A esse respeito é que constatamos o surgimento da Universidade de al-Azhar (Akin, 2016). Assim como as mesquitas de Bagdá, Raqqa e Samarra foram construídas com aquela mesma finalidade.

As primeiras escolas jurisprudenciais também são fruto desses estudos dentro das mesquitas no decorrer da história. Segundo Baltaci (1985), na Mesquita Omíada, em Damasco, havia cátedras específicas a cada escola de jurisprudência. Tais estudos se baseiam nas leituras de textos sagrados e em reflexões em torno dessas leituras.

Embora tenham sido fundados universidades e centros de estudos – *madrças* –, a tradição de círculos de estudos dentro das mesquitas ainda hoje permanece, como se pode observar no caso da Mesquita de al-Azhar¹⁶. Porém, majoritariamente, esses estudos, hoje em dia, são específicos das cátedras universitárias, isto é, são academicamente institucionalizados. Da mesma forma, existem grupos sufistas que realizam esses estudos por meio de seus líderes carismáticos. Em lugares como no sudeste da Turquia, pode-se observar ainda *madrças* que mantêm estes estudos para formar xeiques de maneira informal¹⁷.

Dentre outras atividades mesquita, não podemos esquecer e nem deixar de ressaltar o fato de as mesquitas servirem de bibliotecas. Para que pudessem ser centros de estudos religiosos do Islam, as mesquitas deveriam ter um acervo islâmico, desde o Alcorão até os livros de estudos dos ditos do Profeta Muhammad (Akin, 2016). Essa função, porém, não era exclusiva dos estudos da religião. Dentro dos estudos promovidos nas mesquitas, contavam-se também literatura, astronomia, arte e poesia. Esta funcionalidade da mesquita mais tarde gerou a literatura sufi.

As funções das mesquitas que mencionamos até este ponto, mesmo que não tenham sido abandonadas por completo, já não são mais comuns. Porém, há uma função da mesquita que nunca foi abandonada e se mantém na atualidade.

As mesquitas, além de centros religioso-comunitários, foram, desde o início, locais de decisões políticas e centros de governança. A função de centro do governo ocorreu apenas durante a época do Profeta Muhammad e dos quatro primeiros califas. Após a fundação do Império Omíada, o califa passou a residir em e governar o país a partir de um palácio. Essa tradição também foi herdada de outras culturas, visto que o império surgiu em Damasco e teve esta cidade como sua capital durante toda a sua existência.

Quando o Islam surgiu como um movimento, além de religioso, político, o Profeta Muhammad governou a cidade-estado de Medina a partir da Mesquita, onde ele transmitia as mensagens do Alcorão, ensinava a religião a seus companheiros e recebia embaixadas de outras tribos (Jomier, 1993, p. 26). Durante toda a sua vida em Medina, essa tradição foi seguida pelo profeta. Já após o seu falecimento, o

15 Dentro do Islam, a palavra (ou ciência) *Kalam* é o equivalente à Teologia. É estudo dos aspectos da fé islâmica dentro dos contextos escolares jurisprudenciais.

16 Como citado anteriormente, experiência própria do autor.

17 A informalidade dessa formação diz respeito ao reconhecimento acadêmico. Os xeiques, nesses círculos, não possuem uma titulação acadêmica formal de nossa época.

primeiro califa, Abu Bakr, declarou o seu sistema de governança em um sermão feito na mesquita e ele também seguiu o exemplo de profeta, utilizando a mesquita. Essa tradição se prolongou durante os 30 anos dos quatro primeiros califas, nomeados *Khulafá ar-Rashidîn*¹⁸. Apenas durante o mandato de Ali ben Abu Tálíb, quarto califa e genro do profeta, adotou-se uma tradição de declarar o califa e rezar por ele em sermões (Akin, 2016). Essa tradição foi seguida até 1924, a data em que o califado foi abolido pelo último país que o mantinha, a Turquia.

Durante o domínio de todos os califados, as mesquitas foram o meio de comunicação entre o povo e o governador (Sevinç, 2013). Isto, por vezes, foi um pretexto de consagração do califado como um cargo/estrutura inquestionável e não criticável. A consagração dos governos através das mesquitas, no século XX, também foi um motivo de obediência plena a governos classificados como autoritários, principalmente na Turquia. Há relatos de que Atatürk, o fundador da República da Turquia, usou as mesquitas para ampliar seu domínio sobre o povo, embora ele seja contra um Estado religioso e fundador do laicismo na Turquia (Sevinç, 2013). O principal objetivo, nesse contexto, foi adequar o Islam ao novo regime do país e ao secularismo. Assim, foi evitada uma ameaça ao estado laico. Sem dúvida, as mesquitas, controladas pela Diretoria de Assuntos Religiosos, tiveram um papel importante (Yilmaz & Kiliçoğlu, 2016).

O papel político das mesquitas é determinante até hoje. Os governos de países majoritariamente islâmicos mantêm a tradição de consagrar os seus mandatos através das mesquitas. Para isso, todos os imãs são ligados a um conselho ou, como no exemplo da Turquia, a uma diretoria controlada pelo governo. Durante o domínio de turcos, os sultões – reis dos países – também foram incluídos nas rezas em sermões, logo depois do califa, o que serviu de legitimação do domínio de cada governador que esteve na vigência de poder. Assim, os califas e os governadores em nome do califa podiam decretar mobilização contra as ameaças internas ou externas.

Vale lembrar que o califado não é um papel igual ao papado no catolicismo. O califa era apenas o sucessor político do profeta, à exceção dos primeiros quatro, que também tinham papel de legislação religiosa (Efeoglu, 2017). Porém, a menção do nome de califa durante os sermões estabeleceu certa convicção de que esta função se revestia de alguma sacralidade.

Hoje em dia, as mesquitas ainda mantêm a tradição de servir aos governos por meio de sermões. De certo modo, cabe dizer que a religião acaba se politizando e causando divisões sociais. Dentre as congregações e grupos religiosos, há aqueles que discordam do uso das mesquitas na política governamental e consideram este uso uma heresia (Sevinç, 2013).

Outra função das mesquitas é servir de ponto de encontro dos grupos sufistas¹⁹ – com a sua nomenclatura em árabe, *turuq* ou *tariqa*. Hoje em dia, em algumas regiões da Turquia, de outros países da Ásia e em alguns países árabes onde o sufismo se mantém, as mesquitas são os centros de encontro destes grupos. De modo geral, tais grupos

18 “Os bem-guiados”, na tradução do árabe ao português.

19 Sufismo é uma vertente do Islã que busca a evolução espiritual dos indivíduos através de rezas e adorações.

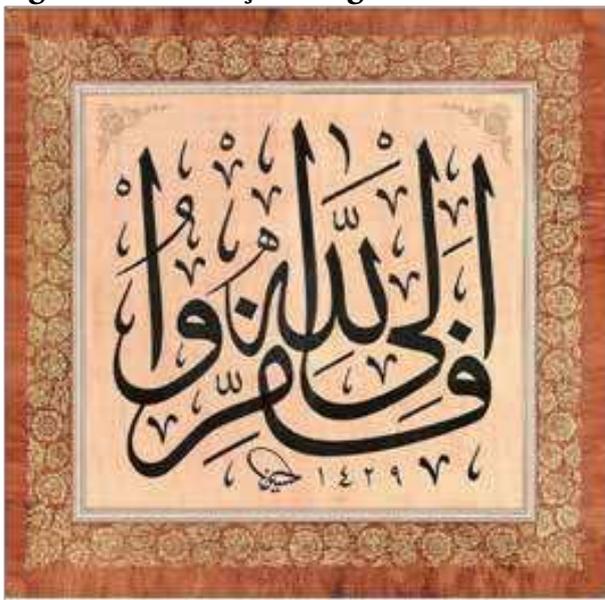
formam *mullas*²⁰ (em português, mulás). Nessas mesquitas, que são adotadas como centro de sua taríqa, na medida do possível praticam todos os preceitos.

A arquitetura nas mesquitas

Devido à proibição da produção artística, até o século VIII não se observa uma arquitetura específica nas mesquitas (Baltaci, 1985). As primeiras mesquitas, portanto, eram construídas em forma de uma casa comum da cidade. Seu formato era de um retângulo, baseado na Mesquita de Medina, e não tinha sequer janelas na estrutura. Mais tarde, com o desenvolvimento dos estudos de jurisprudência e a interpretação dos textos sagrados em relação às obras artísticas, surgiram artes baseadas nos princípios da crença islâmica, principalmente na unicidade de um só Deus (Yildirim, 2015). Essas artes abordaram principalmente o tema da religião e foram utilizadas prioritariamente em espaços religiosos como as mesquitas.

O principal segmento artístico fortemente desenvolvido neste quesito é o da caligrafia árabe – em árabe, Khat. Por muito tempo e ainda hoje a caligrafia serve para a decoração das mesquitas, oferecendo ornamentos ortográficos a estes espaços com versos do Alcorão e dizeres do profeta Muhammad (Figura 1).

Figura 1 – Produção caligráfica com um verso do Alcorão



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bd7F5r4jUdh/>

A arte de caligrafia árabe tornou-se valiosa e ganhou as casas, ou seja, espaços fora da cena sagrada. Como o principal tema dessa arte é um texto sagrado, sempre há uma reminiscência do Sagrado e de sua palavra. Isto é, busca-se um caminho de sempre

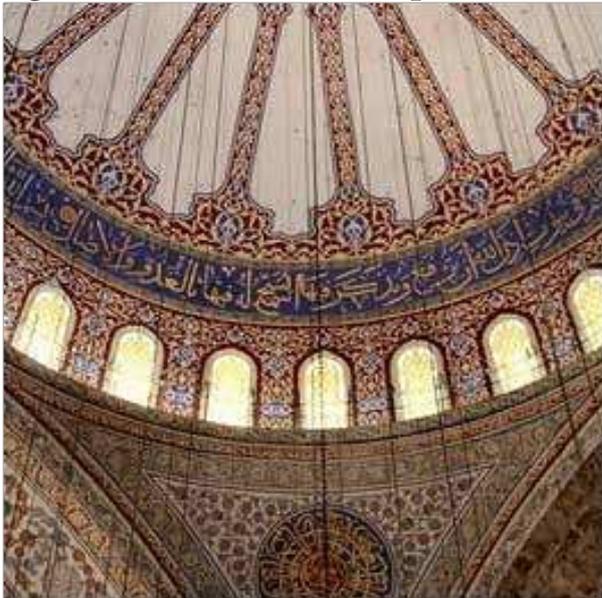
²⁰ Este termo é adotado de persa, cujo significado é, aproximadamente, o mesmo que xeique. São religiosos que têm formação islâmica.

fazer o sagrado estar presente na vida de um crente (Gulen, 2011, p. 72). Uma vez que os muçulmanos não podiam desenhar imagens que contivessem figuras humanas e de animais, segundo Yildirim (2015), buscaram o caminho utilitarista no sentido de fazer da religião e da arte um caminho da felicidade, sem deixar espaço à condenação da fé.

Outra arte muito desenvolvida pelos muçulmanos é a de decoração com arabescos – *tadb-hib* –, figuras e imagens abstratas (Akin, 2009). Segundo a teoria de Akin (2009), os muçulmanos procuravam revelar os seus sentimentos e suas ânsias pelo Sagrado; desta maneira, enfeitaram as mesquitas com as imagens que essa ânsia provocava para criar uma atmosfera de sacralidade nestes espaços.

Alguns dos exemplos destas imagens abstratas são os desenhos sobre os textos originais em árabe do Alcorão assim como os desenhos em mesquitas, principalmente turcas (Figura 2). Num primeiro momento estas artes serviam para o enfeite das mesquitas, uma vez que estas foram produzidas e inventadas para que o espaço ganhasse uma sacralidade ou para criar uma atmosfera sacra (Akin, 2009). Mais tarde foram tomando seus espaços em casas, lojas e até no enfeite de adereços. Portanto, a aplicação desta arte “sacra” passou das mesquitas para os espaços e até para os objetos particulares.

Figura 2 – Arabescos na Mesquita Azul em Istanbul, Turquia



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/510314201498067061/>

Geralmente, a adesão a essa “corrente” de utilizar tais artes em objetos tem como fim trazer a sensação da presença do Sagrado na vida da pessoa e sempre acompanhá-la, aonde quer que ela vá. Pois, segundo Yegin (2012), quanto mais próximas do Sagrado, mais aliviadas e livres de problemas as pessoas se sentem. Nesse ponto, vale ressaltar que a pesquisa de Yegin é sobre os espaços sagrados, porém, a utilização do sagrado é o “princípio ativo” das visitas a tais espaços. Assim, a utilização dos objetos sagrados e de objetos decorados com essas artes se torna cada vez mais comum.

Além das artes, claro, a forma mais lúcida do desenvolvimento das mesquitas são a arquitetura e os elementos a elas atribuídos. Embora não encontremos esses elementos nas primeiras mesquitas, com a expansão do Islam observamos os minaretes, a cúpula,

o ambão para pregações (Figura 3), o mimbar para os sermões e o mirabe para definição da direção de Meca. Já mencionamos alguns desses itens mesquitas, por isso mencionaremos a seguir outros itens que ainda não abordamos.

A inclusão desses itens, certamente, diz respeito à relação do Islam com as outras culturas. Porém, não se pode deixar de notar que eles serviram nos serviços comunitários. A cúpula, que é herdada de bizantinos, serve para uma acústica melhor dentro da mesquita durante a recitação de Alcorão nas rezas. O ambão e mimbar foram necessários de se incluir para facilitação das pregações e sermões, visto que a comunidade já tinha muitos membros.

Figura 3 – Ambão utilizado nas mesquitas



Fonte: <http://www.dogaltasisletmeciligi.com/Resim/mermer-kursu#images-7>

O minarete é uma torre a partir de que os *mu'azzins* (muezins) chamam os crentes para as orações cinco vezes ao dia. Sua história se baseia em vários relatos. Embora seja de se considerar a inspiração persobizantina na construção dos primeiros minaretes, os mais antigos se encontram no Cairo/Egito, na mesquita de Amr ben. Âs, que foi governador do Cairo durante o califado de Umar, o segundo sucessor de profeta Muhammad.

Essas torres foram construídas pelo sucessor de Amr, e não por ele mesmo, durante a vigência do Império Omíada, ainda na época primordial deste. O significado literal dessas torres é o “ponto por onde a luz se espalha”. Outrora, os persas e bizantinos usavam torres desse formato para a comunicação dos exércitos. Acredita-se que os muçulmanos se inspiraram nisso para comunicar os cinco horários de cada oração. Conforme a localização geográfica e a cultura na qual essas torres são construídas, seu material alterna de tijolo a madeira. A principal mensagem das minaretes é a exaltação da mensagem sagrada ao ser refletida cinco vezes ao dia. Essas torres não foram apenas exclusivas das mesquitas; há madraças com minaretes altos devido à sua missão de espalhar o conhecimento, principalmente na arquitetura seljúcida.

A reflexão do sagrado na arquitetura das mesquitas

A religião islâmica é, de modo geral, uma religião que convoca à experiência individual da vivência religiosa. Mas sua estrutura “eucarística”²¹ não se limita ao templo, alcançando todas as dimensões da vida de um muçulmano (Hayri, 1952). Até nesse ponto Hayri (1952) alega a insuficiência do termo “religião” diante do sistema que o Islam impõe aos seus seguidores. Gulen (1995, p. 353), ao relatar um ditado de profeta Muhammad, se refere ao fato de que o Islam exige que cada seguidor esteja alerta em relação à sua ligação com Deus – *ihšan*. Portanto, para que um muçulmano se sinta em uma atmosfera sacra, ou, dito de outro modo, em comunhão com o Sagrado, não é necessário que vá à mesquita, pois O Sagrado se faz presente em todos os momentos de sua vida.

Por outro lado, segundo Yegin (2012), há questões psicossociais que impulsionam os crentes a irem às mesquitas, aos túmulos de “santos”²² ou de mártires. Os principais motivos é o alívio que os indivíduos sentem psicologicamente. Com base na pesquisa de Yegin (2012), tal alívio remete ao fato de a sacralidade que esses espaços têm na concepção das pessoas. Em muitos países majoritariamente islâmicos existem espaços específicos frequentados por crentes por atribuição de sacralidade a esses espaços – esta atribuição geralmente se faz devido à localização do espaço, como a Mesquita de Medina, e à pessoa que ali está enterrada segundo a crença islâmica, como o túmulo de Rûmî ou os túmulos de outras pessoas que são consideradas *awliyâ*.

Embora o Islam não limite a vida religiosa apenas à mesquita, para os muçulmanos a visitação e frequência deste espaço são importantes em relação à vida espiritual praticada individualmente. Pois o Islam prega a vida comunitária e esta se vivencia em torno da mesquita. Isto se refere à concepção de transcendência do Sagrado nesses espaços (YEGIN, 2012). Por isso, quanto mais tempo nestes lugares, mais proximidade se obtém do Sagrado. Para Gulen (2011, p. 72), as mesquitas são os pontos onde a arte divina se revela ao mundo profano. Não se pode esquecer que essa afirmação de Gulen, assim como a dos indivíduos que responderam à pesquisa de Yegin, é subjetiva e provém de um entendimento místico entre o Sagrado e o humano.

Tais afirmações convergiriam com *a religião invisível* de Luckmann (Knoblauch, 2014). Essa expressão é apontada para a esfera da privatização, ou melhor, para a individualização da religião. Dessa maneira, por um viés sociológico, a religião institucionalizada perde a sua essência quando se individualiza, aliás, as precisões individuais se sacralizam (Knoblauch, 2014).

A pesquisa de Yegin (2012), pelo viés da Psicologia da Religião, revela esse fato da frequência das mesquitas e dos demais espaços religiosos para suprir necessidades individuais. Ou seja, de modo geral as pessoas frequentam as mesquitas e os espaços religiosos como túmulos de santos para suprimento de certas necessidades, pedindo-lhes

21 Este termo foi utilizado por falta de vocabulário suficiente para a descrição da palavra *dîn*, que o Islã utiliza.

22 A questão de santidade, no Islã, não se volta para o mérito de adoração, mas para a intercessão dessas pessoas. Normalmente, o termo usado para elas pessoas é *walî* ou, no plural, *awliyâ* cujo significado é “íntimo [com ou de]”. A referência é à proximidade dessas pessoas com o sagrado.

intercessão, mas sem adorá-los. Esse fato revela que certos grupos de crentes vão a esses locais de reza ou adoração para buscar a ajuda do Sagrado.

Embora haja espaços onde o Islam se institucionaliza, para ele todo o universo é uma forma de mesquita onde o adepto pode praticar a sua religião (Nursî, 2007, p. 48). Portanto, para um muçulmano não há necessidade de um prédio para que a religião seja praticada e a vida espiritual seja mantida. Todo o universo é uma espécie de centro de adoração e reflexão – *Tafakkur*. Embora a ideia de individualismo na prática convirja em relação à afirmação de Luckmann (2014, p. 45), na concepção de que a igreja e a religião são idênticas, o Islam não estreita a sua concepção espacial para a mesquita.

Conclusão

Para os muçulmanos, a mesquita é o marco da construção de uma cidade islâmica. Foi no decorrer da história, em torno da mesquita, que tudo se estabeleceu no espaço habitual dos muçulmanos e, hoje, em certas regiões, ainda se mantém esta tradição. A mesquita possui esse papel centralizador devido ao fato de a religião conceber todas as dimensões da vida humana.

As artes desenvolvidas nos espaços religiosos são a transcendência da ânsia pelo Sagrado. Esse se impõe à proibição das demais obras artísticas, tais como figuras humanas (imagens). Portanto, o desenvolvimento da arte é feito através do texto sagrado. Uma vez que a mesquita, ou algum espaço com a mesma finalidade, é construída no centro da vida urbana de muçulmanos, os itens nela presentes também trazem à tona as reflexões do Sagrado para, assim, fazê-lo presente na vida de cada adepto. Desse modo, as visitas a esses lugares também refletem a ideia de se estar mais próximo do Sagrado. No entanto, para a religião islâmica, a religião é vivida individualmente e, para o adepto se sentir na atmosfera sagrada, ele não precisa estar no local religioso, a não ser em preceitos comunitários prescritos. O universo se apresenta como um espaço religioso para aqueles que queiram seguir as prescrições da fé.

Referências

AKIN, Banu Ayten. "Islamiyetin Yarattigi Dunyada Sanatin Yeri." *Güzel Sanatlar Enstitüsü Dergisi*, 2009: 1-10.

al-Hak, Mushir. "Islam Toplumu ve Toplum Hayatinda Caminin Yeri." *Uludag Universitesi Ilahiyat Fakultesi*, 1991: 287-292.

BALTACI, Câhit. "İslâm Medeniyetinde Câmî (O Papel da Mesquita na Civilização Islâmica)." *Marmara Universitesi Ilahiyat Fakultesi Dergisi*, 1985: 225-241.

CONSELHO. *Bir Müslümanın Yol Haritası/A Guia para um Muçulmano*. Istanbul: Isik, 2011.

DURAL, Mesut, Ibrahim B. DAGGULU, and Emine KOSEOGLU. "ÇAGDAS CAMI MIMARISINDE SEMBOLIK BIÇIMLERIN KULLANICI ALGISI

UZERİNDEKİ ETKİSİ." Pesquisa, Istanbul, 2016.

EFEUGLU, Serdar. 21. YÜZYILDA HALİFELİK YENİDEN CANLANDIRILABİLİR Mİ? 2017. <http://www.tr724.com/21-yuzyilda-halifelik-yeniden-canlandirilabilir-mi-dr-serdar-efeoglu-yazdi/> (accessed 11 29, 2018).

Filozof.net. n.d. <http://www.filozof.net/Turkce/tarihi-eserler-m/15672-minare-nedir-mimarisi-ilk-minare-tarihcesi-ozellikleri.html> (accessed 01 10, 2019).

GULEN, Fethullah. Gunler Bahari Soluklarken. Istanbul: Nil, 2011.

—. Sonsuz Nur. Istanbul: Nil, 1995.

HAYRI, Settar. "Islam Mimarisi (Arquitetura Islâmica)." Ankara Üniversitesi İlahiyat Fakültesi Dergisi, 1952: 68-74.

JOMIER, Jacques. Islamismo História e Doutrina. Petrópolis: Vozes, 1993.

KNOBLAUCH, Hubert. "A Dissolução da Religião no Religioso." In A Religião Invisível, by Thomas Luckmann, 5-33. São Paulo: Loyola, 2014.

KURUCAN, Ahmet. Fikih Dnyamiz 1(O Nosso Mundo de Jurisprudência v. 1). Istanbul: Isik, 2011.

LUCKMANN, Thomas. A Religião Invisível . São Paulo: Loyola, 2014.

NURSÎ, Bediuzzaman Said. Sozler (As Palavras). Istanbul: Sahdamar, 2007.

OZDEMİR, Urun Anil. "Urban and Spatial Organization in The Context of Culture." Yalova Sosyal Bilimler Dergisi, 2011: 62-76.

SÖYLEMEZ, Mehmet Mahfuz. "The Position of the Idols in the Pre-Islamic Arabia/Jahiliyyah Religion." MİLEL VE NİHAL, 2014: 9-50.

UNAL, Ali. Alcorão Sagrado com Interpretação Anotada. New Jersey: Tughra Books, 2015.

YILDIRIM, Mustafa. "Early Formation of Islamic Art." 21. Yuzyilda Egitim ve Toplum, 2015: 59-69.

YILMAZ, Ayhan Nuri, and GOKMEN KILIÇOĞLU. "Directorate of Religious Affairs as a Soft Power Actor in Turkey's Latin American Initiative." Journal of Current Researches on Social Sciences, 2016: 135-154.

Sites

<https://br.pinterest.com/pin/510314201498067061/>

EFEUGLU, Serdar. 21. YÜZYILDA HALİFELİK YENİDEN CANLANDIRILABİLİR Mİ?2017. <http://www.tr724.com/>

[com/21-yuzyilda-halifelik-yeniden-canlandirilabilir-mi-dr-serdar-efeoglu-yazdi/](http://www.flozof.net/Turkce/tarihi-eserler-m/15672-minare-nedir-mimarisi-ilk-minare-tarihcesi-ozellikleri.html)
(accessed 11 29, 2018).

Filozof.net.n.d. <http://www.flozof.net/Turkce/tarihi-eserler-m/15672-minare-nedir-mimarisi-ilk-minare-tarihcesi-ozellikleri.html> (accessed 01 10, 2019).

www.instagram.com/p/Bd7F5r4jUdh/<http://www.dogaltasisletmeciligi.com/Resim/mermer-kursu#images-7>.

Recebido: 13 de janeiro de 2019.

Aprovado: 13 de março de 2019.